

Em Roma não há ainda progressos significativos

Serviço da AIM

O diálogo para a paz moçambicana em Roma, entre o Governo e a Renamo, permanece sem progressos significativos, atravessando agora uma segunda semana de impasse em torno da questão do acordo de cessar-fogo parcial nos corredores ferroviários da Beira e do Limpopo, assinado em Dezembro de 1990.

Depois de um encontro face-a-face, sem quaisquer resultados positivos no sábado, entre os chefes das duas delegações, nomeadamente Armando Guebuza, pelo Governo, e Raul Domingos, pela Renamo, as negociações entraram num ritmo de letargia, com os mediadores procurando produzir novas propostas de saída para o impasse.

Ao fim da manhã de ontem, a equipa trilateral da mediação reuniu em separado com a delegação do Governo, devendo fazer o mesmo com os negociadores da Renamo mais tarde.

Em simultâneo, as duas delegações têm mantido contactos de natureza informal com os representantes militares dos quatro países observadores e das Nações Unidas. Ainda ontem, a subdelegação militar do Governo teve um primeiro encontro com o coronel Figueiredo, representante militar da ONU, que chegou no domingo a Roma. O coronel Figueiredo, de origem brasileira, veio directamente de El Salvador, onde representava igualmente as Nações Unidas no processo de pacificação daquele país da América Central.

Sabe-se que os observadores oficiais das negociações moçambicanas em Roma fizeram já circular, na semana passada, um primeiro documento de levantamento de ideias relativo às questões militares a serem discutidas entre o Governo e a Renamo.

O conteúdo deste documento permanece desconhecido. Entretanto, continuam sem confirmação as notícias divulgadas por alguma imprensa estrangeira, indicando a possibilidade de o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, chegar a Roma nos próximos dias, proveniente de Paris, onde se encontra de visita.

Contactado pela AIM em Roma, o chefe da delegação da Renamo, Raul Domingos, disse não estar prevista qualquer deslocação para breve de Afonso Dhlakama a Roma.

AJUDA HUMANITÁRIA PARA TODOS

O chefe da delegação governamental às negociações de paz para Moçambique, Armando Guebuza, disse em Roma que a ajuda humanitária deve ser canalizada para todos os necessitados, independentemente de se encontrarem ou não nas zonas controladas pela Renamo.

Guebuza, contactado telefonicamente pela Rádio Moçambique, afirmou que o Governo está pronto a cooperar com o movimento armado, Renamo, na canalização de ajuda humanitária para as populações gravemente afectadas pelas calamidades naturais e pela guerra.

De acordo com a Rádio Moçambique, o Ministro Guebuza reagiu às declarações do chefe da Renamo, Afonso Dhlakama, que se encontra em visita à França, segundo as quais o Governo tem estado a insistir nos corredores rodoviários para recuperar as zonas perdidas e que agora estão sob o controlo da Renamo. Afonso Dhlakama acusou, por seu turno, o Governo de impedir as actividades das 150 organizações nas zonas afectadas. Ele disse que essas organizações estariam dispostas a financiar o fretamento de pontes aéreas. Dhlakama citou como parte

dessas organizações a FAO, o UNICEF e outras.

Guebuza disse ainda em contacto telefónico, que desconhece uma proposta da Renamo defendendo que os corredores rodoviários humanitários sejam feitos a partir da África do Sul, Zimbabwe e Malawi, para o interior do país e controlados pelas Nações Unidas.

Guebuza considera a ajuda humanitária acima dos interesses políticos, visto que o Governo moçambicano convocou recentemente uma conferência internacional em que apelou à comunidade para activar uma ajuda às populações afectadas.

DA "NOTÍCIAS"
DELL' A/7/92

002